

16. “MACUMBA SARAVÁ, SOLTO UM PEIDO E SAI FUBÁ”: RITUAIS DE PASSAGEM, KUARUP E O HUKA-HUKA NO 6º ANO

Ronaldo dos Reis

Desenvolvimento das atividades

Após o ano conturbado de 2017, em que, com muita dificuldade, avançamos em alguns temas de estudo com a turma, como as práticas do *hand spinner* e as corridas do atletismo, que possibilitaram ao 5º ano estabelecer diálogos entre os grupos de estudantes, certamente atribuo a dificuldade de escuta entre eles que gerava grande parte dos conflitos presentes de maneira recorrente na turma e motivo de muitos desentendimentos e frustrações de nossa parte para a realização das propostas de aula. Ao problematizarmos os momentos em que alguns estudantes negavam-se a participar das aulas de Educação Física, justificando a ausência do futebol, basquete ou da queimada como motivo pela recusa, o ano encerrou-se com muitas pendências no que tange aos relacionamentos.

No início de 2018, houve grande vantagem em relação ao anterior, já que ao assumir as aulas da turma pelo segundo ano poderia dar continuidade ao trabalho realizado, que mesmo a partir das dificuldades encontradas no ano anterior, as práticas poderiam ser fortalecidas nesse momento com a turma. Viver com eles essa transição de 5º para o 6º ano, saída do Ensino Fundamental I, entrada no Ensino Fundamental II, a saída de aulas com 4 professores (2 polivalentes, 1 de Artes e 1 de Educação Física) para aulas com 9 professores diferentes, provavelmente possibilitou uma relação mais confiante, fazendo com que o trabalho realizado em nossas aulas tivesse maior aceitabilidade por parte dos estudantes.

O fato de o currículo cultural tomar parte assumindo a posição a favor dos “mais fracos”, que historicamente não tiveram suas pro-

duções culturais valorizadas nos currículos escolares, reforçou nossas ações a partir da consonância com o Projeto Político Pedagógico da escola, alicerçado em três princípios básicos, respeito, diálogo e solidariedade, pelos quais buscamos balizar todo nosso trabalho, tornando possível o acesso dos estudantes a conhecimentos presentes em diferentes práticas corporais.

Sendo assim, em nossas primeiras aulas, após conversas com os estudantes sobre a proposta, fizemos relatos das práticas corporais e dos temas estudados no ano anterior (ginástica artística, queimadas, pega-pegas, *hand spinner*, jogos de cartas, corridas de atletismo e dança). Ao identificarmos que a partir de nossas aulas não foi desenvolvido o tema lutas, iniciamos o mapeamento das práticas corporais conhecidas pelos estudantes.

Verificamos um vínculo grande ao consumo atual presente nas academias a partir de lutas como MMA, jiu jitsu, muay thai, boxe e capoeira. Após a fala dos estudantes sobre as lutas, perguntei sobre a origem destas, questionando sobre qual delas teria origem no Brasil. Apesar de reforçarem a capoeira como uma luta brasileira, alguns estudantes citaram a “luta dos índios”, a qual não sabiam o nome: “*professor, não tem aquela luta que os índios lutam pelados?*”, “*lutam de fio dental no barro*”.

A partir da minha surpresa pela afirmação, fiz a sugestão estudarmos essa luta, para compreendermos melhor sua origem, gestualidade e contexto de realização, que, no meu ponto de vista, poderia, além de contribuir para contemplar os princípios norteadores previstos no Projeto Político Pedagógico da Escola de Aplicação, contemplar a proposta da Lei 11.645/2008, bem como desestabilizar o olhar para práticas corporais como superiores, ou colocando-as em desvantagem nas relações de poder, o que no campo da Educação Física acontece com práticas corporais oriundas de grupos culturais hegemônicos. Com a ação docente a partir dessa perspectiva, a cultura indígena tem o mesmo valor das demais; ao tematizar a luta huka huka, possibilitamos aos estudantes, no primeiro momento, conhecer, vivenciar e aprofundar conhecimentos sobre uma luta indígena.

Nos encontros que se seguiram, iniciamos com alguns vídeos⁸⁶ que apresentavam o huka huka na sua versão masculina e feminina, com praticantes de diversas faixas etárias, em que pudemos constatar uma gestualidade específica, um contexto de prática e que seus praticantes não lutavam no barro, nem pelados, porém utilizavam adornos específicos. Desenvolvemos, assim, tentativas de vivências das gestualidades presentes nos vídeos, em que, no entendimento dos estudantes, a ideia principal da luta era derrubar o adversário.



Fonte: Acervo do autor.

Vivenciamos, assim, durante algumas aulas, a gestualidade lida no vídeo pelos estudantes, o que contrariou uma afirmação inicial sobre o desenvolvimento das práticas propostas em que um dos meninos questionou sobre a participação das meninas: “... *mas e as meninas professor? Vão fazer o quê?*”

Ao responder de maneira afirmativa, questionei sobre a possibilidade de lutarem entre si (meninos x meninas), o que provavel-

86. Link do vídeo: Índios V Jogos indígenas – “Luta Huka Huka”. Direção Alê Primo. Sport TV, 2002. [aleprimotv: <http://bit.ly/2R43NMk>](http://bit.ly/2R43NMk). Acesso em: 10 ago. 2018.

Link do vídeo: *Xingu – Huka-huka*: <http://bit.ly/2OUbBPi>. Acesso em: 10 ago. 2018.

mente em algumas vivências (e com o vídeo apresentado, citado anteriormente) acredito ter possibilitado o início da desestabilização das representações sobre a luta e seus praticantes, também podendo explorar o olhar para as diferentes etnias indígenas, idades e biotipos dos praticantes da luta huka-huka.

Para aprofundar nossos conhecimentos sobre a luta, compreender sua gestualidade, regras, entre seus contextos de realização, foram apresentados dois vídeos. No primeiro, o atleta de MMA, Anderson Silva, vai até a tribo Kamayurá no alto Xingu, experimentar a gestualidade e aprender sobre a luta indígena.⁸⁷ O que provocou nos estudantes um alvoroço ao ver um atleta do UFC⁸⁸ enfrentando um dos indígenas e, para surpresa deles, sendo derrotado dentro da gestualidade do huka-huka. Importante o destaque dos estudantes para a fala do Anderson Silva, em que o lutador apresenta seu orgulho e emoção em estar conhecendo uma luta originalmente do povo indígena brasileiro, valorizando o conhecimento adquirido a partir dessa experiência vivida.

No segundo vídeo,⁸⁹ aparecem as lutas brasileiras estudadas pelo professor Leandro Paiva, o pesquisador cita que, para ele, as origens mais remotas datam do período das pinturas rupestres na Serra da Capivara, no estado do Piauí. No vídeo, ao apresentar o huka-huka, podemos verificar, além das regras, o ritual que sustenta originalmente essa prática corporal, o Kuarup.⁹⁰

Algumas questões passaram a nortear nossa proposta de tematização, os estudantes germinavam algumas dúvidas sobre a origem, o que causou certa animação em relação à prática. Foi possível entender, a partir dos vídeos acessados, as regras, como se caracterizava a

87. Link do vídeo *Anderson Silva e a tribo dos Kamayurás*. Disponível em: <<http://bit.ly/2R4QefV>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

88. Ultimate Fight Championship: A organização de lutas com maior visibilidade no MMA (Mixed Martial Arts).

89. *Terra de luta: as origens da luta no Brasil* (documentário completo). Disponível em: <<http://bit.ly/2QcZ0qW>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

90. Link do vídeo *Huka Huka*: <<http://bit.ly/2DBk1dm>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

luta, que ao encostar as costas do oponente no solo, ou tocar atrás da articulação do joelho, declarava-se o vencedor da luta.

Dando continuidade às nossas vivências corporais, assimilamos as gestualidades presentes na luta huka-huka, dividimos os estudantes em grupos e fizemos, durante as aulas, diversos confrontos entre os grupos, organizados pelos próprios estudantes sem nenhum critério específico, apenas orientados pela quantidade, grupos com 5 estudantes. Cabe aqui o destaque sobre a duração de nossas aulas, as turmas têm três aulas semanais, com frequência de dois dias na semana, sendo divididas, uma com duração de 50 minutos e outra com duração de 100 minutos. Assim, o que viabilizava um tempo maior de vivências era efetuado nas aulas com maior tempo de duração, ampliando as possibilidades de leitura dos estudantes, a partir das gestualidades, vídeos, leituras de textos diversos, etc.



Fonte: Acervo do autor.

Vale destacar que no documentário *Terra de luta: origens da luta no Brasil*, há a explicação dos lutadores sobre o ritual do Kuarup, em que os guerreiros Kamayurás ficam reclusos em uma das moradias, arranhando-se com uma arranhadeira que serve para fortalecer os lutadores para que, no dia mais importante do ritual, no caso do

Kuarup, apenas os meninos estejam preparados para lutar com os guerreiros mais velhos e reconhecidos pela comunidade. Com o decorrer das atividades, alguns questionamentos foram surgindo em relação a diversos aspectos do ritual e da luta.

Durante as vivências, decidimos estudar outros rituais para além do Kuarup. Propusemos uma pesquisa de ritos de diferentes povos.

Nos encontros que se seguiram com os rituais trazidos pelos estudantes, organizamos grupos pelas proximidades de temas e sugerimos que trocassem as informações entre si e, posteriormente, apresentassem para toda a turma. Entre os rituais trazidos pelos estudantes estavam o Satere Maué (colocar a mão numa luva com as formigas tocandiras), o dos Algonquinos do Canadá (tomam uma dose de uma substância que faz com que esqueçam sua infância), dos Naghol (os jovens saltam de um tipo de *bungee jump*), baile de debutantes (festa de 15 anos), dos Krikatis da aldeia São José (ficam confinados três meses para passar da infância para a adolescência), ritual do ano novo (pular ondas, comer lentilhas, soltar fogos), todos relacionados ao que denominamos com a turma de rituais de passagem de fase.

A partir da apresentação dos estudantes, mantivemos os grupos e sugerimos uma atividade em que, após comparar os rituais trazidos por todos e o Kuarup, os estudantes deveriam ressignificar as práticas culturais mencionadas, criando uma história, transformando-se, assim, em produtores de uma cultura específica a partir de um contexto que, ao se produzir e reproduzir, se torna uma tradição de um povo.

De acordo com a proposta de elaboração do ritual, os estudantes deveriam apresentar justificativas para fazer essa e não outra proposta. Exemplificar as escolhas dos “protagonistas” na apresentação, além de ilustrar o que pensaram.



Fonte: Acervo do autor.

Após 7 ou 8 aulas entre organização, elaboração e ensaio, começamos as apresentações, e com cada grupo seguindo as orientações propostas, foi possível perceber o interesse das crianças ao organizarem as apresentações, que foram caracterizadas pela quantidade de materiais sugeridos para elaboração dos “cenários”. Possivelmente, o fato de estabelecer maiores relações aos momentos de reclusão dos jovens apresentados em diversos rituais.





Fonte: Acervo do autor.

Cada grupo orientou-se por sua proposta, sendo que alguns trouxeram a ideia de “poções mágicas” que ampliavam a força, determinavam a coragem e marcavam quem era o guerreiro escolhido para aquele povo, que ficava trancado em algum lugar e sua liberdade trazia o seu reconhecimento com posicionamento importante no “grupo cultural” em que estava inserido. Alguns grupos colocaram nomes nos seus povos e nos rituais. Tivemos os rituais do Xuripa, do Renascimento, The Cave, Tatamy, Corujas, do Solstício do verão, Birg King, dos meninos e meninas, da pedra gigante, FLAPHJ, Camaleão e Kikiwaka. Não era necessário denominar o ritual, tampouco o povo (grupo). As questões relacionadas à participação do estudante A, B ou C, as direcionadas à necessidade de uma poção e à faixa etária dos integrantes que estavam reclusos apontam para a percepção dos estudantes para esses pontos nos rituais que serviram de referencial para produção dos seus.



Fonte: Acervo do autor.

A partir da elaboração dos próprios rituais, emitiram opiniões:
“São estranhos”.

“São coisas de índio”.

“Alguns rituais pareciam rituais satânicos”.

“Tinha poções do diabo”.

Curioso com a afirmação do estudante, decidi problematizar algumas opiniões sobre os rituais, principalmente as que tinham as ditas poções do diabo. Após a resposta, perguntei aos estudantes:

“O ritual não era dos Xuripas? O que o diabo tem a ver com isso?”.

“Os rituais satânicos têm poções”, disse um estudante.

A partir dessa fala do estudante, pedi que nos apresentasse como era esse ritual satânico, para que estabelecêssemos relações e pudéssemos aprofundar um pouco mais o assunto, já que desconhecíamos sobre o assunto. Porém, o estudante apresentou certa timidez, disse que tinha ouvido falar, mas que não sabia, mas achava que era assim. Aproveitei para uma possível ampliação da problematização com os estudantes sobre onde mais encontrávamos tal comportamento. Assim questionei: “como entenderam os rituais apresentados pelos colegas?”.

Um dos estudantes, continuando o debate sobre os “rituais satânicos”, disse que nenhum dos rituais que fizeram foi satânico, já que se isso tivesse ocorrido iriam todos para o inferno. Concluindo seu raciocínio, afirmou que quem faz seus rituais satânicos e não cumpre as ordens vai para o inferno. Questionei a turma se os indígenas iriam para o inferno. Como resposta, recebi:

“Quem faz coisas ruins para as pessoas vai pro inferno”.

“Mas fizemos alguma coisa ruim, ou teve alguma maldade como vocês mencionaram em nossos rituais? Vamos para o inferno?”

Questionei o estudante, para tentar entender seu raciocínio sobre nossas atividades, recebendo como resposta:

“Não, nossos rituais foram bons”.

Sugeri uma comparação na turma: “se tivéssemos um Kamayurá entre nós, o que ele imaginaria de nosso baile de debutantes? E sobre nossas festas de fim de ano? Como será que estamos imaginando o Kuarup?”

Em dado momento, um dos estudantes disse: “macumba saravá, solto um peido e sai fubá”.

Devido à fala do estudante e da gargalhada da turma, e mais algumas falas no sentido do que era macumba ou poderia ser, eu levei um texto curto sobre a catequização dos indígenas, cujo excerto era o seguinte:

Quando os europeus tomaram conhecimento dos territórios americanos, a Igreja Católica logo chegou a uma conclusão: com a cristianização do Velho Continente, o diabo havia se refugiado no Novo Mundo, e, por isso, era preciso combater Satã, convertendo as almas ingênuas dos indígenas.⁹¹

Coloquei em questão para os estudantes se essas ideias apresentadas no período da invasão da América Latina por povos europeus ainda não influenciava alguns de nossos pensamentos, já que alguns dos rituais que trouxemos se apresentavam de maneira naturalizada e os outros, assim como o Kuarup, eram apresentados como estranhos, ou exóticos, e se isso não tratava de pontos de vista.

Dando sequência ao encontro, apresentei o documentário chamado: *Kuarup Kamayurá*,⁹² que apresenta o dia a dia do ritual e das atividades da semana do evento, o que aparentemente possibilitou aos estudantes outras leituras, sendo que uma das estudantes associou ao “dia dos mortos”, realizado por alguns povos na América

91. Link para o texto <<http://bit.ly/2ImE6CK>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

92. *ImaginesfilmesRJ* <<http://bit.ly/2QcZYn4>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

Latina, o que pode ser observado no desenho *Festa no Céu*⁹³, o qual grande parte dos estudantes já conhecia, em que destacaram o fato de enfeitar a aldeia e homenagearem os ancestrais já falecidos presentes nas duas manifestações.

Encerramos as apresentações dos estudantes conversando sobre suas impressões e o que cada ritual tinha de influência, assim apresentando o contexto de produção de cada grupo, o que deveria ser observado ao analisarmos os outros rituais. Por fim, assistimos uma competição sobre os jogos indígenas, em que apresentei as questões:

“Como os jogos indígenas se relacionam ao Kuarup?”

“Como é a participação de homens e mulheres?”

“Quais as diferenças e semelhanças da competição dos povos indígenas e das que encontramos em nossa cultura esportiva?”

Após o desenvolvimento desses diálogos e a apresentação dos estudantes sobre os temas, sugeriram, assim como fizemos em relação aos rituais, em que foi produzido outra cultura que não ofendeu a cultura indígena, realizar uma competição de huka-huka, cuja organização e produção foi toda realizada pelos estudantes, que optaram por dividir em duas competições, uma masculina e outra feminina, mas que os campeões no final se enfrentariam, e o vencedor ou a vencedora seria o líder da tribo do 6º ano, o que encerrou nossa vivência e “elegeu” a líder da turma.



93. *Festa no Céu*: <<http://bit.ly/2R3ESZm>>. Acesso em: 10 ago. 2018.



Fonte: Acervo do autor.

Algumas considerações

Encerrando as atividades com a turma, entendo que o debate apresentado nos trouxe reflexões importantes, na condução da tematização sobre a prática corporal, a partir da apresentação dos posicionamentos pessoais dos estudantes influenciados por diversos vetores, sejam religiosos, pessoais, familiares, até mesmo de origem, mas que certamente possibilitaram diálogos conflituosos, porém de muita aprendizagem, rompendo com a ideia de valorização dessa ou daquela prática corporal.

Com os grupos de trabalho foi possível colocar em prática os princípios da Escola de Aplicação, previstos no Projeto Político Pedagógico, o diálogo, o respeito e a solidariedade, bem como alguns princípios éticos-políticos do currículo cultural, ancorando socialmente os conteúdos dos rituais, ressignificando as práticas corporais no contexto das turmas, a fim de promover uma análise de não fixidez ou certeza dos conhecimentos apresentados em nossas aulas.

Nas vivências, os estudantes tiveram a possibilidade de conhecer o contexto de realização do huka-huka, suas gestualidades, significação dos diferentes povos para seus rituais, bem como entendê-los como uma produção dos diferentes grupos sociais e culturais. Assim, a produção dos próprios rituais possibilitou aos estudantes

outros olhares para a cultura indígena e a própria cultura em que estão inseridos, para que compreendam-se também como produtores de cultura, em um contexto permeado por significados próprios e contextuais, sem o juízo de valor, mas acessando diferentes conhecimentos a partir da prática corporal estudada.